

***Jesus da gente* - um entre-lugar teoliterário: a construção do (samba) enredo da Estação Primeira de Mangueira 2020**

Jesus of the people - a Theo-literary inter-place. The construction of the (samba) plot of Estação Primeira de Mangueira 2020

André Luís de Araújo
Universidade Católica de Pernambuco - UNICAP, Brasil

Resumo

A leitura e a interpretação de uma obra nunca serão suficientes para explicá-la e tampouco poderão mitigar as controvérsias suscitadas com o seu surgimento ou mesmo negligenciá-las. Nesse sentido, lançar um olhar interessado para a construção do (samba) enredo do Grêmio Recreativo Escola de Samba Estação Primeira de Mangueira 2020 abre-nos a um campo teórico discursivo sobre o qual refluem distintos elementos, fazendo emergir um espaço rico de enunciação e de interlocução teoliterária. Assim, se uma leitura realista se aproximaria para ver melhor, a poética textual que queremos privilegiar, aqui, distancia-se para poder aproximar-se mais. Concluimos, portanto, que “A verdade vos fará livre”, proposta por Leandro Vieira, transcende tanto a construção histórica nela representada como ainda a compreensão desse mesmo funcionamento. Afinal, ainda que advindo de uma história e de uma sociedade, o *Jesus da gente* cumpre bem sua missão, articulando e escapando aos limites da história e da sociedade que o originaram, independentemente da opinião crítica dos seus sucessivos leitores-espectadores-ouvintes.

Palavras-chave

Entre-lugar.
Teoliteratura.
Carnaval.
Samba-Enredo.
Mangueira.

Abstract

The reading and interpretation of a work will never be enough to explain it, nor can they mitigate the controversies raised with its appearance or even neglect them. In this sense, taking an interested look at the construction of the (samba) plot of Grêmio Recreativo Escola de Samba Estação Primeira de Mangueira 2020 opens us to a theoretical discursive field on which different elements reflect, giving rise to a rich space of enunciation and Theo-literary dialogue. Thus, if a realistic reading would come closer to see better, the textual poetics that we want to privilege, here, distances itself in order to be able to get closer. We conclude, therefore, that “The truth will make you free”, proposed by Leandro Vieira, transcends both the historical construction represented in it and the understanding of that same functioning. After all, although coming from a history and a society, the *Jesus of the people* fulfills his mission well, articulating and escaping the limits of the history and society that originated him, regardless of the critical opinion of his successive readers-spectators-listeners.

Keywords

In-between place.
Theo-literature.
Carnival.
Samba-Plot.
Mangueira.

Introdução

Qual seria a atitude do artista de um país em evidente inferioridade econômica? Que elementos teria uma obra que pudesse marcar a sua diferença no panorama cultural hoje? Ou, ainda, dito de outro modo, parafraseando Roland Barthes: “que textos eu aceitaria escrever (reescrever), desejar, afirmar como uma força neste mundo que é o meu?”

Muitas podem ser as questões quando se trata da emergência de uma leitura abrindo um espaço crítico de interlocução por onde é preciso, sempre e de novo, (re)começar a ler toda uma comunidade de textos que se interpenetram, dialogam e geram um entre-lugar de negociação responsiva, nos moldes de Mikhail Bakhtin. Muitas vezes, ainda, nesse espaço, o significante é o mesmo - como salienta Silviano Santiago¹, mas o significado circula outra mensagem, até mesmo uma mensagem invertida. Isso porque, invariavelmente, o significante adquire contornos políticos ou de controle social.

¹ SANTIAGO, Silviano. “O entre-lugar do discurso latino-americano”. In: *Uma literatura nos trópicos*. Recife: Cepe, 2019, p. 25.

Nessas horas, se se eleva a modo de um platô, como afirmavam Deleuze e Guattari, uma territorialidade discursiva, é o momento propício de propor novos textos e de subverter modelos instalados, a fim de que o debate seja aberto e o conhecimento se afirme nas fronteiras do embate ideológico, num para além da história social, como produção intersubjetiva. Esse modo de ser e de interagir vai além da mera assimilação de leituras ingênuas de uma cultura livresca, mesmo quando se trata da Bíblia, porque implica abrir frentes e organizar a vida pela práxis da escritura na disposição de novos cenários, aprendendo a pensar na dispersão dos signos.

Encontra-se, pois, aberto um espaço de transgressão de modelos como forma de expressão que propõem textos que abrem o campo teórico discursivo para a reelaboração de seus elementos mais caros, visto que tocam no enredo, nas personagens, no tempo, no foco narrativo, na ambiência, mas também nas alegorias e nos adereços, na dança e na evolução harmônica dos significantes - seja para a teoria literária, seja para o fazer teológico -, com um olhar interessado e cuidadoso sobre alguns desdobramentos do último desfile de carnaval do Grêmio Recreativo Escola de Samba Estação Primeira de Mangueira, no ano de 2020, no Rio de Janeiro. Toda essa performance convida e investe contra uma leitura primária do texto e apresenta com vigor a possibilidade da dúvida, da apropriação, do absurdo, do tormento, da releitura, evidenciando e resgatando a beleza por outro viés: jogos de conversão e de reviravolta.

No clima inteligente desses jogos de linguagem, o carnavalesco da Estação Primeira de Mangueira, Leandro Vieira, vem mostrando a que veio, desde que vestiu o verde e o rosa da agremiação, em 2016. O jovem artista, formado pela Escola de Belas Artes da Universidade Federal do Rio de Janeiro, iniciou sua carreira no mundo do Carnaval em 2007. Em 2014, quando foi assistente de duas Escolas do Grupo Especial - Imperatriz Leopoldinense e Grande Rio -, ambas voltaram, no sábado seguinte, à Marquês de Sapucaí, para o Desfile das Campeãs. Naquele ano, Leandro levou, ainda, dois prêmios como melhor figurinista e melhor desenhista pela sua participação no Carnaval da Grande Rio.

No ano seguinte, em 2015, foi chamado para assinar o seu primeiro trabalho solo como carnavalesco na Caprichosos de Pilares, que desfilava pela Série A, antigo grupo de acesso para as Escolas de Samba do Grupo Especial. Apesar dos problemas financeiros e estruturais da agremiação, com o enredo “Na minha mão é mais barato”, a escola conseguiu a sétima colocação, após um desfile elogiado pela crítica especializada. Leandro deixou a agremiação após o carnaval daquele ano em direção à Mangueira.

Na sua estreia no Grupo Especial, em 2016, o artista desenvolveu, na Mangueira, uma homenagem à cantora Maria Bethânia, com o enredo “A menina dos Olhos de Oyá”. Após um desfile aclamado pela crítica, pois chamava a atenção, sobretudo, pela plasticidade das alegorias e dos adereços, Leandro Vieira venceu seu primeiro carnaval à frente da Estação Primeira, igualando-se a Joãozinho Trinta, em 1971, que também venceu em sua estreia na Acadêmicos do Salgueiro. O ano de 2016 marcava, ainda, o fim de um jejum de treze anos sem que a agremiação vencesse o carnaval carioca. Nesse ano, Leandro recebeu o troféu Estandarte de Outro, do Jornal *O Globo*, como revelação, e a Mangueira faturava o Estandarte de melhor escola de 2016.

Em 2017, propôs o enredo “Só com a ajuda do santo”, e a Estação Primeira levou outra vez o prêmio de melhor escola do ano, terminando a disputa em quarto lugar. Vale lembrar que um de seus tripés, a alegoria “Cristo-Oxalá”, uma releitura sincrética, acabou sendo vetado e não pôde constar no Desfile das Campeãs devido a uma solicitação da Arquidiocese do Rio de Janeiro.

No ano seguinte, em 2018, Leandro Vieira desenvolveu um enredo mais crítico, “Com dinheiro ou sem dinheiro eu brinco”, em que questionava o corte de verbas, promovido pela Prefeitura do Rio. Na ocasião, o artista deixava em evidência a importância do dinheiro para a realização das manifestações culturais para o carnaval carioca e as reais intenções do Prefeito Marcelo Crivella - retratado como Judas, no desfile da agremiação, carregando a placa “Pega no Ganzá”, em franca alusão ao discurso do político evangélico, durante sua campanha eleitoral, em uma das plenárias da Liga das Escolas de Samba do Rio de Janeiro, a LIESA, em 2016. Mesmo ficando na

quinta colocação, a escola recebeu três prêmios do Estandarte de Ouro: melhor enredo, melhor ala e melhor ala das baianas.

No ano passado, Leandro desenvolveu o enredo “História para ninar gente grande”, desfile que consagrou o 20º campeonato da Verde e Rosa no carnaval do Grupo Especial. A temática escolhida foi novamente um viés crítico para satirizar os vultos retratados da História do Brasil, dita *oficial*. O artista propunha em seu lugar os pobres, os negros e os indígenas como os verdadeiros heróis nacionais, vindos das camadas populares. Outro grande feito do carnavalesco foi ver a Estação Primeira receber nota máxima em todos os quesitos (após os descartes) e fechar o campeonato com seus 270 pontos intactos. A escola levou, ainda, o Estandarte de Ouro e o Tamborim de Ouro como melhor agremiação de 2019.

Neste ano de 2020, Leandro Vieira quis trazer, novamente, um enredo que contasse a biografia de uma personagem, uma vez que a Mangueira se consagrou por diversos desfiles em campeonatos assim, homenageando figuras emblemáticas, como: Monteiro Lobato (1967); Braguinha (1984); Dorival Caymmi (1986); Carlos Drummond de Andrade (1987); Chico Buarque (1998); Maria Bethânia (2016); além de dois vice-campeonatos: Villa Lobos (1966) e Jorge de Lima (1975). E, qual não foi a surpresa, quando o artista propôs nada menos que a figura de Jesus Cristo, para a construção do enredo: “A verdade vos fará livre”.

A construção do (samba) enredo da Estação Primeira de Mangueira 2020

O enredo

Pensando nas possibilidades de leitura e de compreensão do subtítulo desta seção, tomemos, num primeiro momento, o que se entende por enredo, na perspectiva dos estudos literários. A partir daí, tentaremos compreender as implicações da escolha de um enredo como este de 2020, desde a composição da sinopse e as indicações para a escolha do samba-enredo, passando pela

concepção e a criação artística, até chegar à disposição narrativa do desfile na Avenida.

A primeira questão a ser colocada, portanto, no âmbito dos estudos literários, é o que se entende por enredo e o que faz desse texto um enredo literário. Antoine Compagnon², teórico francês, articula e considera, para esse estudo, seis noções: a intenção, a realidade, a recepção, a língua, a história e o valor, acrescentando a cada uma delas o adjetivo literário. Assim, a literatura e, de modo mais específico, o enredo ou a trama literária proposta por uma tessitura discursiva apresenta sempre alguns traços distintivos: manifesta intencionalidades, cruza instâncias do real, emite opiniões, provoca reações, faz uso de linguagens, tem uma historicidade, instrui e agrada, produz consensos ou promove a dissensão e a ruptura. Além disso, do ponto de vista da função, é próprio do ser da linguagem não se deixar instrumentalizar. Há mesmo quem diga, seguindo essa premissa, que a literatura não serve para nada, isto é, não deve estar a serviço de nada, atrelada a uma função, instrumentalizada. Mesmo assim, os elementos linguístico-literários manifestam-se, não raro, em acordo ou em desacordo com a vida em sociedade. Afinal, tudo acaba sendo lido, interpretado e formatado com base em elementos extralinguísticos.

Desse modo, como o terreno sobre o qual nos movemos é resvaloso, como diz Guimarães Rosa, pelo menos não vamos cair na tentação de um essencialismo abstrato, dado que, em última instância, não existem elementos linguísticos estritamente literários. Ou seja, a literariedade de um texto, e por extensão de um enredo, não consegue distinguir entre um uso estritamente literário e um uso não literário da linguagem. Na verdade, qualquer enunciado pode pertencer tranquilamente a este ou àquele universo, sem ser propriedade restrita de nenhum deles. São os indivíduos que decidem os contextos e as condições de enunciação para os enunciados que produzem, as apropriações que fazem da linguagem nesta ou naquela ambiência discursiva.

² COMPAGNON, Antoine. "A literatura". In: *O demônio da teoria*. Belo Horizonte: UFMG, p. 29-46.

Assim, o texto (escrito ou oral) - como assinala Bakhtin³, é o dado primário de toda e qualquer disciplina e constitui sempre a nossa realidade mais imediata. Consequentemente, podemos afirmar com o linguista que onde não há texto não há objeto de pesquisa e não há qualquer produção de pensamento ou mesmo possibilidade de criação. É, pois, difícil pensar numa condição de possibilidade de existência fora de uma elaboração textual.

Isso equivale a dizer que a construção de um enredo passa pela construção de um texto, de um enunciado que possui, ainda, suas condições de enunciação. Dessa maneira, trata-se, como continua Bakhtin, de pensamentos sobre pensamentos, palavras sobre palavras, textos sobre textos; em suma, configura-se um inventário cultural e uma urdidura, que chamaremos de poética textual, sem fim que, apontando para fora de si, busca uma cadeia de significados e de relações, funções e gêneros discursivos, para colocar em jogo ideias e intencionalidades, sujeitos e pontos de vista, relações dialógicas.

Tais relações dialógicas, por sua vez, são profundamente originais e não podem ser reduzidas a meras relações lógicas, linguísticas, psicológicas ou mecânicas. Elas estabelecem um novo tipo de relações semânticas. De tal forma que a compreensão plena de um enunciado, e no nosso caso específico de um enredo de carnaval, como veremos, não prescindirá jamais de uma relação dialógica e requer, por isso mesmo, uma atitude responsiva. Para tanto, vamos considerar um público leitor-espectador-ouvinte.

Nesse sentido, em sua singularidade natural, um enredo, assim como um enunciado, será sempre um acontecimento novo, vem para compor um novo elo na cadeia histórica da comunicação discursiva e, como sistema de signos, poderá ser decodificado, traduzido para outros sistemas de signos, mas jamais esgotado ou limitado a uma realidade estrita. Afinal, todo texto, todo enredo é, primordialmente, uma revelação de indivíduos livres, fazendo uso da linguagem de maneira criativa, expressando-se por meio de textos: gestos, códigos, falas, pensamentos, atitudes...

³ BAKHTIN, Mikhail. "O texto na linguística, na filologia e em outras ciências humanas: um experimento de análise filosófica". In: *Os gêneros do discurso*. São Paulo: Editora 34, p. 71-107.

A sinopse e as novas regras

Feitas as considerações anteriores, a sinopse de um enredo escolhido para uma escola de samba também deve considerar uma gama de elementos linguístico-literários e discursivos. A escolha do enredo da Estação Primeira de Mangueira para o ano de 2020 foi anunciada para a imprensa no dia 17 de julho de 2019. Naquela data, foram comunicadas, também, mudanças no regulamento para a disputa de samba-enredo da Verde e Rosa para o carnaval 2020.

Isso porque, de acordo com o presidente Elias Riche, os valores que uma parceria de compositores tinha de levantar para que sua obra chegasse até o final da disputa do samba-enredo eram exorbitantes, fazendo-se necessário valorizar mais os artistas locais e assegurar um concurso mais justo. Assim, dentre alguns tópicos principais da nova regra, estava a unificação da qualidade da gravação. Dessa forma, todos os sambas inscritos na disputa seriam gravados no mesmo estúdio e estariam sob a responsabilidade da escola. Os músicos e os intérpretes que participariam da gravação oficial das obras destinadas ao concurso seriam exclusivamente escolhidos e contratados pela Verde e Rosa, priorizando os integrantes do grupo que compõe o carro de som da própria agremiação. Além disso, a inscrição do samba deveria ser realizada por meio da entrega da letra da composição e da melodia cifrada, impressa, contendo áudio com canto e melodia, registrados através de gravação de voz, violão e/ ou cavaquinho, acompanhados, ainda, de uma marcação percussiva realizada via celular.

A disputa na quadra também teria uma regra mais rígida, sendo expressamente proibida a presença de grupos que caracterizassem torcidas organizadas, sob pena de o samba ser eliminado da disputa. A quantidade de envolvidos com a defesa da obra de cada parceria, no palco, seria formada, ainda, pelo mesmo número de integrantes em todas as apresentações. O grupo seria exclusivamente composto por um violonista, um cavaquinista e dois intérpretes principais, sendo que tanto os músicos quanto os intérpretes envolvidos com a apresentação das obras na quadra seriam disponibilizados

pela Estação Primeira, que faria uso de sua própria equipe musical para a referida atividade, escolhendo os participantes por sorteio.

Outra mudança dizia respeito à quantidade de parceiros por obra. As composições teriam parcerias de até quatro compositores e não haveria mais restrição para compositores que estivessem envolvidos em concursos de samba-enredo em nenhuma agremiação coirmã do Grupo Especial ou dos demais Grupos.

Quanto aos altos custos de uma disputa, a proposta era igualar um valor único de R\$ 4.800,00 (quatro mil e oitocentos reais) para cada obra inscrita, quantia que poderia ser paga em duas vezes: metade no ato da inscrição e a outra parte antes do sorteio da primeira apresentação. O valor proposto contemplaria toda a estrutura necessária para a disputa. O compositor teria, também, a opção de realizar o pagamento com cartão de crédito.

Vale ressaltar que um dos entusiastas da ideia foi o carnavalesco Leandro Vieira, quem afirmou à época:

Meu trabalho para a cultura popular do Rio é pensar o carnaval a partir da Mangueira. Aqui me coloco como alguém que pensa a produção artística das Escolas de Samba sob a luz cultural e não comercial, sempre propondo alternativas. Aos meus olhos, dentro de tudo que foi desvirtuado no ambiente das agremiações, a possibilidade do verdadeiro compositor ter acesso a uma disputa em que o investimento financeiro não determinasse seu 'fôlego' foi a mais cruel das desvirtuações. As novas regras que a Mangueira apresenta quer pôr um fim nisso e, se não puser fim, pelo menos, quer se colocar contra essa estrutura perversa que inviabiliza, pelos valores em si, o interesse e o surgimento de novos compositores de sambas-enredo.⁴

O novo regulamento foi apresentado junto à entrega da sinopse, na quadra da Escola, no dia 19 de julho de 2019. Naquela altura, Leandro Vieira anunciava, ao mesmo tempo, em uma postagem nas redes sociais, que a ideia era retratar como seria o retorno de Jesus no atual cenário de intolerância no mundo. Nesse sentido, o Cristo histórico que “A verdade vos fará livre” - enredo escolhido para o carnaval 2020 - levaria para o desfile seria aquele que

⁴ <http://www.mangueira.com.br/noticia-detalhada/3093>. Acesso em: 17 de julho de 2019.

nasceu pobre, viveu ao lado dos menos favorecidos e condenou o acúmulo de riqueza. O mesmo que se insurgiu contra a hipocrisia dos líderes religiosos do seu tempo e que se colocou contra a opressão do Estado. A liderança pacifista, que amou de forma irrestrita, sem preconceitos ou discursos de ódio e, por isso, foi condenado, torturado e morto.

Segundo Leandro, o enredo falaria sobre a “figura política de Cristo” e de sua pregação em torno do amor, que nos torna livres da intolerância e do preconceito. “Essa é a verdade que liberta. Porque não é amor o que faz alguém quebrar um terreiro de candomblé, como fizeram na semana passada (referindo-se ao acontecido em Duque de Caxias, no Rio), né?” - disse o carnavalesco ao Jornal *O Globo*, em julho de 2019.⁵

Praticamente três meses após o anúncio da sinopse e das novas regras da disputa de samba-enredo, a Estação Primeira de Mangueira comunicava, na madrugada do dia 13 de outubro de 2019, a escolha do seu novo samba para o carnaval 2020: o samba de número 16, dentre mais de 30 composições, de autoria de Manu da Cuíca e Luiz Carlos Máximo. No dia seguinte, o carnavalesco já se ocupava de responder à polêmica nos jornais:

Em 2020, sigo combatendo o conservadorismo, a partir de uma figura que os conservadores levaram para sua trincheira: Jesus Cristo. Discuto o sequestro da narrativa cristã, que tornou Jesus a figura principal da direita brasileira de hoje. Os valores cristãos foram deturpados pela direita atual. Temos hoje uma figura importante que é o Presidente da República, que vai na Marcha Para Jesus e se permite ser fotografado fazendo arminha com a mão. Então, eu proponho uma narrativa de Jesus contra essa hegemonia que distorce os valores cristãos.⁶

Perguntado, ainda, sobre a pertinência do conteúdo político e de discussão acadêmica do enredo do carnaval que propunha para a Verde e Rosa para o ano de 2020, sobretudo depois da escolha do samba-enredo na noite anterior, Leandro Vieira foi contumaz e acrescentou:

⁵ <https://oglobo.globo.com/cultura/enredo-da-mangueira-em-2020-vai-imaginar-retorno-de-cristo-num-mundo-marcado-pela-intolerancia-23812598>. Acesso em 17 de julho de 2019.

⁶ <https://noticias.uol.com.br/colunas/chico-alves/2019/10/14/bolsonaro-vira-alvo-em-samba-da-mangueira-carnavalesco-ve-fofia-engajada.htm>. Acesso em 14 de outubro de 2019.

A matéria do meu trabalho é o Carnaval. Não quero encher o meu desfile de academicismo. Eu quero fazer arte engajada de alto nível, levantar os mais diversos debates, tanto na academia quanto na padaria. Mas busco sempre manter o meu desfile num nível popular de discussão. Para mim, o importante é que aquilo que eu proponho seja debatido nos bares e bicos do Morro da Mangueira. Que bom que a academia debate meu Carnaval, mas melhor ainda é saber que pessoas do Morro da Mangueira tomaram conhecimento da Luiza Mahin (ex-escrava de origem africana que atuou em levantes na Bahia no início do século 19), por exemplo, através de um samba-enredo que eu propus. Afinal, as favelas cariocas votaram no Bolsonaro, ajudaram a eleger o Bolsonaro. Então, quero falar para essa gente. Outra coisa: as comunidades cariocas vivem o avanço das igrejas evangélicas. Há uma perseguição a doutrinas religiosas de matriz afro. É preciso dar a essa gente, nos botequins, nas rodas de conversa, uma perspectiva contra-hegemônica. O que eu busco fazer é isso, vestindo as pessoas para brincar. Se tem uma coisa de que eu gosto é fazer com que as pessoas cantem aquilo que muitas vezes é discutido com uma seriedade rasa.

Sobre o partidarismo, as polaridades discursivas e as posições político-ideológicas que atingem, também, as agremiações, declarou, encerrando a entrevista:

Escola de samba já é de direita, infelizmente. As agremiações foram fundadas por pessoas à margem da sociedade, mas, a partir do momento que as escolas passaram a receber apoio governamental, começaram a funcionar como órgãos oficiais. Isso vem desde Getúlio Vargas, que transformou as escolas em símbolos e os enredos passaram a exaltar vultos nacionais. Aí começaram a dialogar de forma oficial com o Estado, assim viraram conservadoras. Apenas em desfiles específicos algumas escolas se colocaram à esquerda, como a Vila Isabel em 88, que defendeu a negritude e cantou contra o *Apartheid*, ou a Mangueira, cuja letra do samba dizia “[...] pergunte ao Criador,/ Quem pintou essa aquarela/ Livre do açoite da senzala/ Preso na miséria da favela”. Teve o Fernando Pamplona, carnavalesco que desde a década de 60 abordou a temática do oprimido. Mas são apenas alguns momentos. Historicamente, as escolas sempre exaltaram figuras como a Princesa Isabel, o Duque de Caxias e o Marechal Deodoro.

No entanto, a polêmica em torno do tema seguiria pelos meses que antecederiam o carnaval, chegando ao ponto de o carnavalesco ter de rebater as críticas e a onda de *fake news* que se espalhava pelas redes sociais, no mês de janeiro de 2020:

Tô vendo uma onda de notícias falsas sobre as minhas propostas para o carnaval de 2020 sendo espalhadas pelos grupos de ZAP e redes sociais. Fazer da biografia de Cristo a matéria artística para a realização do meu carnaval tá sendo uma experiência incrível, porque as tintas escolhidas são as melhores. Minhas tintas são plurais, diversas, dotadas de responsabilidade, beleza e respeito. As inverdades propagadas são muitas. Todas, baseadas no mesmo princípio: o desconhecimento total do que é o projeto que realizo de forma sigilosa e a incapacidade de vislumbrar o que apenas a minha cabeça guarda na totalidade. Tô com muito trabalho e não tô com tempo para estar nas redes sociais nesse pré-carnaval. Gostaria de dizer de forma breve que apenas o que é dito por mim em entrevistas com falas públicas ou divulgado nas minhas redes - ou nas redes sociais da @mangueira_oficial - pode ser considerado verdade. Qualquer declaração que não seja oficial, que especule o conteúdo do meu trabalho, só encontra respaldo na maldade de gente limitada que, além de desconhecimento, não suporta a potência estética, histórica, cultural e social que o carnaval e o desfile de uma instituição do tamanho da Mangueira podem alcançar. A verdade é que, como previsto, na tentativa de “inventar mil pecados”, está refletida a frustração de uma gente que teme que o desfile de uma ESCOLA DE SAMBA comunique, de forma mais vigorosa, popular e potente, a face - ou melhor, as faces - de Cristo, do que aqueles que o domesticaram para lhe colocar na condição de fiador de interesses econômicos e políticos.⁷

Passemos, agora, para a letra do samba-enredo escolhido para o carnaval da Mangueira, em 2020, na tentativa de compreender melhor o poder do enunciado e da enunciação dessa temática teoliterária. Vale lembrar que a primeira versão da letra do samba-enredo sofreu alguns ajustes e alterações, sem grandes mudanças na proposta inicial, segundo os próprios compositores, sob a alegação de adequações melódicas. No entanto, vamos cotejar lado a lado a composição inicial e a versão final, apresentando as

⁷ Postagem retirada do Instagram do artista em 17 de janeiro de 2020.

modificações sugeridas, a fim de verificar as sutilezas discursivas provocadas com as alterações.

O samba-enredo

O texto de apresentação do samba-enredo da Mangueira em 2020, escrito por Leandro Vieira, que dava aos jurados e ao público uma ideia do que esperar do desfile da agremiação, começava assim: “Nasceu pobre e sua pele nunca foi tão branca quanto sugere sua imagem mais popular. Sem posses e mais retinto do que foi apresentado, andou ao lado daqueles para quem a sociedade virou as costas, oferecendo-lhes sua face mais amorosa e desprovida de intolerância”.⁸

COMPOSIÇÃO INICIAL

Mangueira
Samba que o samba é uma reza
Se alguém por acaso despreza
Teme a força que ele tem

Mangueira
Vão te inventar mil pecados
Mas eu estou do seu lado
E do lado do samba também

Eu sou da Estação Primeira de Nazaré
Rosto negro, sangue índio, corpo de
mulher
Moleque pelintra do Buraco Quente
Meu nome é Jesus da gente
Nasci de peito aberto, de punho cerrado
Meu pai carpinteiro desempregado
Minha mãe é Maria das Dores Brasil

Enxugo o suor de quem desce e sobe
ladeira
Me encontro no amor
que não encontra fronteira
Procura por mim nas fileiras contra a
opressão
E no olhar da porta-bandeira pro seu
pavilhão
E no olhar da porta-bandeira pro seu

VERSÃO FINAL

Mangueira
Samba, teu samba é uma reza
Pela força que ele te

Mangueira
Vão te inventar mil pecados
Mas eu estou do seu lado
E do lado do samba também

Eu sou da Estação Primeira de Nazaré
Rosto negro, sangue índio, corpo de
mulher
Moleque pelintra do Buraco Quente
Meu nome é Jesus da gente
Nasci de peito aberto, de punho
cerrado
Meu pai carpinteiro desempregado
Minha mãe é Maria das Dores Brasil

Enxugo o suor de quem desce e sobe
ladeira
Me encontro no amor
que não encontra fronteira
Procura por mim nas fileiras contra a
opressão
E no olhar da porta-bandeira pro seu
pavilhão

⁸ <https://www.lettras.mus.br/blog/samba-enredo-mangueira/>. Acesso em 26 de março de 2020.

pavilhão

Eu tô que tô dependurado
Em cordéis e corcovados
Mas será que todo povo
entendeu o meu recado?
Porque de novo cravejaram o meu corpo
Os profetas da intolerância
Sem saber que a esperança
Brilha mais que a escuridão

Favela, pega a visão
Não tem futuro sem partilha
Nem Messias de arma na mão
Favela, pega a visão
Eu faço fé na minha gente
Que é semente do seu chão

Do céu deu pra ouvir
O desabafo sincopado da cidade
Quarei tambor, da cruz fiz esplendor
E num domingo verde-e-rosa
Ressurgi pro cordão da liberdade

E no olhar da porta-bandeira pro seu
pavilhão

Eu tô que tô dependurado
Em cordéis e corcovados
Mas será que todo povo
entendeu o meu recado?
Porque de novo cravejaram o meu
corpo
Os profetas da intolerância
Sem saber que a esperança
Brilha mais que a escuridão

Favela, pega a visão
Não tem futuro sem partilha
Nem Messias de arma na mão
Favela, pega a visão
Eu faço fé na minha gente
Que é semente do seu chão

Do céu deu pra ouvir
O desabafo sincopado da cidade
Quarei tambor, da cruz fiz esplendor
E ressurgi pro cordão da liberdade

Observando-se os ajustes propostos, segundo especialistas e músicos, a cadência do samba conseguiu um melhor ritmo melódico e alcançou, tão logo foi divulgada a nova versão, grande aceitação do público, mesmo dos que haviam acompanhado a disputa, quando ainda era executada a composição inicial. Prova disso foi o número de acessos que a obra teve nas redes sociais, colocando o samba-enredo da Estação Primeira de Mangueira no *ranking* dos sambas mais cantados, antes mesmo dos desfiles, figurando entre os mais conhecidos, tocados e comentados. Claro, por motivos muito variados. Inclusive como ponto de polêmicas e controvérsias de toda ordem.

Considerando-se a estrutura linguística, no que se refere às repercussões semântico-pragmáticas da versão final, de fato, preferir “Mangueira/ Samba, teu samba é uma reza/ Pela força que ele tem” em vez de “Mangueira/ Samba que o samba é uma reza/ Se alguém por acaso despreza/ Teme a força que ele tem”, confere mais pessoalidade, garante a força que o samba da Mangueira tem, haja vista todo o seu lastro histórico-cultural, como afirma o verso seguinte. Afinal, dizer *teu samba é uma reza*, em lugar de dizer *o samba é uma reza* particulariza o que antes era dado

como universal e incide mais sobre a comunidade que propõe a discussão da temática que será apresentada. Por outro lado, retirar o verso *Se alguém por acaso despreza* e o verbo *teme*, que encabeçava o próximo verso, e optar por *Pela força que ele tem*, suaviza o embate da proposição que utilizava os verbos desprezar e temer, ao mesmo tempo em que muda o tom mais agressivo que a composição trazia. Tudo isso no começo da letra do samba, ou seja, praticamente no seu tópico frasal.

Logo, dizer “Mangueira/ Samba, teu samba é uma reza/ Pela força que ele tem” muda de algum modo o foco da questão, sem, contudo, perder a força argumentativa que o samba vai ganhar ao longo de sua enunciação. Faz-se, assim, poderíamos dizer, uma opção pelo convite à oração, elabora-se um preâmbulo, propõe-se uma composição de lugar, como diria a espiritualidade inaciana, para se entrar de cheio na matéria da contemplação. Vale dizer aqui que a modalidade da contemplação, nesse tipo de exercício espiritual inaciano, não é de maneira nenhuma uma demonstração de passividade do indivíduo, pelo contrário, é mais uma provocação para uma participação, decididamente ativa, na cena a ser rezada e vivida. Neste caso, cantada, a partir de dentro, pois, nessa modalidade de oração, pede-se ao exercitante que intervenha, que esteja em franca interlocução com tudo o que acontece a sua volta.

Por fim, “Quarei tambor, da cruz fiz esplendor/ E ressurgi pro cordão da liberdade” em lugar de “Quarei tambor, da cruz fiz esplendor/ E num domingo verde-e-rosa/ Ressurgi pro cordão da liberdade”, se por um lado omite uma informação irrelevante sobre o desfile de 2020 - pois já se sabia que a Mangueira seria a terceira escola a desfilar no domingo de carnaval, o que, para alguns supersticiosos, é, inclusive, sinal de mau agouro, visto que, segundo consta, a campeã dos carnavais cariocas, em geral, é conhecida entre as que desfilaram na segunda-feira -, por outro lado, alarga o espectro da Ressurreição do Cristo, ocorrida na manhã do Domingo de Páscoa, como se sabe.

Isso equivale a dizer que essa perspectiva da ressurreição como consequência direta da cruz, como sugere a versão final - “[...] da cruz fiz esplendor/ E ressurgi pro cordão da liberdade” -, confere mais abertura e um

olhar de esperança amorosa, vencedora de toda e qualquer escuridão. Evidencia que o *Jesus da gente*: rosto negro, sangue índio, corpo de mulher, moleque pelintra do Buraco Quente, acolhedor do diálogo entre as religiões, nascido no Morro da Mangueira, filho de pai desempregado e de uma mãe genuinamente brasileira e dolorosa, ressuscita como primícias dos que morreram e estende a todos, indistintamente, a mesma graça de ressurgir com(o) ele (Cf. 1 Cor 15).

Nota-se, ainda, que esse mesmo Jesus nasce de peito aberto, mas cerra o punho contra a injustiça. Por isso, a oposição, na mesma estrofe, dessas duas expressões - peito aberto / punho cerrado - adquire força e, em seguida, revela a docilidade de alguém que não mede esforços, para descer e para subir ladeira - fazendo-nos lembrar do Cristo que desce (na Encarnação) e sobe (na Ascensão), acontecimentos decisivos na perspectiva salvífica, operada pela Trindade -, no intuito de enxugar o suor do rosto de seus irmãos que sofrem. Vê-se encarnado um amor que não encontra fronteiras na luta contra a opressão; um amor que se reconhece na alegria do povo que sabe brincar o carnaval, como dizia Dom Hélder Câmara; um amor que defende sua bandeira e não se rende à violência, mas aparece em todo seu esplendor, cortejando o bailado da porta-bandeira, deslizando graciosamente na Avenida, apresentando as cores da sua escola.

Para abertura do desfile, imaginei Jesus - o personagem principal do enredo - dançando sorridente como o mestre-sala que risca o chão enquanto corteja a porta-bandeira. O samba da @manudacuica e do @lcmaximo havia me presenteado com uma frase: “Jesus da gente” caía como uma luva para um número sem fim de correlações artísticas que poderiam fazer de personalidades importantes e queridas da escola - o mestre-sala e a Rainha da bateria são exemplos práticos - figuras-chave para a explanação do enredo em aspectos visuais sensíveis. No caso do mestre-sala, o “Jesus da gente” seria aquele que, achegado às nossas tradições, participa dela com naturalidade e desenvoltura. Seria ele a melhor opção para a figura de um Jesus amigo, camarada das criancinhas, da festa que precisa de vinho e não de água, que abraça as mulheres, e cuja imagem sem sangue ou dor fala mais de uma vida plena de alegria.

Para o júri que avaliaria a performance, ele foi descrito como “um Jesus negro, de cabelos crespos, distante da figura

eurocêntrica transmitida ao longo dos séculos. Sorridente, elegantemente trajado, livre do peso da cruz, ele corteja uma das mais importantes personagens da tradição carnavalesca dos desfiles das Escolas de Samba”. Sua parceira, a porta-bandeira, foi descrita previamente como “majestosa” e vestindo “as cores da bandeira que desfralda”. Por esse motivo, ele a corteja e seus movimentos de reverência e fascínio comprovam a alegria de “estar do seu lado e do lado do samba também”.⁹

Letra forte de um samba em primeira pessoa, o *Jesus da gente* da Estação Primeira está consciente de vários jogos e disputas de poder: políticos, econômicos, religiosos... E ele se ressentido de representações anódinas de sua crucificação sem consequências de mudanças de rota e de conversão pessoal e comunitária. Os cordéis e o Corcovado, bem como os Cristos e os cruzeiros colocados nos altos dos montes e colinas de nossas cidades não são suficientes para propagar a Boa Nova de sua mensagem redentora, mas reproduzem, pura e simplesmente, os ícones da sua condenação, sem dar um passo adiante a fim de reconhecê-lo presente, hoje, vivo e ressuscitado na vida e no corpo de tantos irmãos e irmãs nossos. Os profetas da intolerância tampouco entenderam: “Eu vos asseguro, cada vez que não o fizestes a um destes mais pequeninos, nem a mim o fizestes” (Cf. Mt 25, 45).

Nessa perspectiva, o *Jesus da gente* conclama toda comunidade a olhar e a ver (“Favela, pega a visão”), a tomar uma atitude, pois “não tem futuro sem partilha”, nem se entende um “Messias de arma na mão” - alusão direta ao nome composto do Presidente da República e a suas ações em franca dissonância com a mensagem de concórdia do Cristo, o Príncipe da Paz, ressuscitado diuturnamente no meio do povo (“Eu faço fé na minha gente/ Que é semente do seu chão”), para lembrar Dom Oscar Romero.

Finalmente, “Do céu deu pra ouvir/ O desabafo sincopado da cidade”. Por essa razão, porque não se fazem indiferentes ao desabafo sincopado do samba da Mangueira, as pessoas divinas decidem, conforme se vê nos Exercícios Espirituais de Santo Inácio de Loyola, fazer a redenção do gênero

⁹ Postagem retirada do Instagram do artista em 28 de março de 2020.

humano¹⁰, depois de olharem sucessivamente os homens que vivem na face da terra, tão diversos nos trajés e nas atitudes: uns brancos, outros negros; uns em paz, outros em guerra; uns chorando, outros rindo; uns com saúde, outros enfermos; uns nascendo, outros morrendo...

Jesus da gente - um entre-lugar teoliterário

O teólogo alemão Christoph Theobald afirma que a fé cristã possui um princípio pastoral claro e suas consequências são inesperadas, pois o ato teológico se situa explicitamente num jogo relacional. Assim, o itinerário de Jesus até sua morte e o que se percebe de uma autointerpretação do seu destino, por um lado, e o reencontro pós-pascal do Ressuscitado com as suas testemunhas e com quem quer que seja, por outro, formam uma espécie de eclipse histórica e querigmática: a maneira apropriada de proclamar a palavra revelada (*verbi revelati accommodata praedicatio*) deve permanecer como lei de toda a evangelização (*lex omnis evangelisationis*)¹¹. A esse respeito, o Concílio Vaticano II afirma:

A experiência dos séculos passados, o progresso das ciências, os tesouros escondidos nas várias formas da cultura humana, pelos quais a natureza do próprio homem se manifesta mais plenamente e se abrem novos caminhos para a verdade, são úteis também à Igreja. Ela própria, com efeito, desde o início de sua história, aprendeu a exprimir a mensagem de Cristo através de conceitos e linguagens dos diversos povos e, além disso, tentou ilustrá-la com a sabedoria dos filósofos, com o fim de adaptar o Evangelho, enquanto possível, à capacidade de todos e às exigências dos sábios. Esta maneira apropriada de proclamar a palavra revelada deve permanecer como lei de toda a evangelização. Deste modo, estimula-se em todas as nações a possibilidade de exprimirem a seu modo a mensagem de Cristo e promove-se ao mesmo tempo um intercâmbio vivo entre a Igreja e as diversas culturas dos povos. [...] Compete a todo Povo de Deus, principalmente aos pastores e teólogos, com o auxílio do Espírito Santo, auscultar, discernir e

¹⁰ A Contemplação da Encarnação (EE 101-107). In: *Exercícios Espirituais de Santo Inácio de Loyola*. São Paulo: Loyola, 1997.

¹¹ Retirado do Curso “Penser la foi chrétienne”, ministrado por Christoph Theobald, no Centre Sèvres Faculté Jésuites de Paris, em 2017.

interpretar as várias linguagens do nosso tempo, e julgá-las à luz da palavra divina, para que a Verdade revelada possa ser percebida sempre mais profundamente, melhor entendida e proposta de modo mais adequado.¹²

A semente que é a palavra de Deus, germinando em terra boa, irrigada pelo orvalho divino, extrai a seiva, transforma-a e a assimila a si para então dar fruto abundante. De um modo semelhante à economia da Encarnação, as Igrejas novas radicadas em Cristo e superedificadas sobre o fundamento dos Apóstolos, assumem em admirável intercâmbio todas as riquezas das nações, herança de Cristo. Tomam emprestado dos costumes e tradições, do saber e doutrina, das artes e dos sistemas dos seus povos tudo o que pode contribuir para glorificar o Criador, para ilustrar a graça do Salvador e para ordenar convenientemente a vida cristã.¹³

Há, portanto, algumas consequências disso para o nosso fazer teológico, sobretudo pensando nos contornos da teologia no Terceiro Mundo, pensando especificamente na América Latina e de modo especial no Brasil, posto que vemos solo fértil para o desenvolvimento de uma teologia prática, bem como uma contextualização necessária da formulação da fé cristã pela pastoral e pela catequese. Consequentemente, vê-se delinear a imagem do *Jesus da gente* do carnaval da Estação Primeira de Mangueira como um entre-lugar teoliterário, espaço profícuo de interlocução e eixo de articulação da pastoralidade discursiva da fé, modo de presença e de apropriação de toda sua riqueza semântica, enraizando-se em nossos corpos e em nossas culturas - como acentua Silvano Santiago.¹⁴

Pensando nisso, vale lembrar o que nos diz Alfredo Bosi, a respeito das experiências que mantemos com as imagens, no momento em que elas suscitam em nós sentimentos e, por isso, discursos variados. “O nítido ou o esfumado, o fiel ou o distorcido da imagem devem-se menos aos anos passados que à força e à qualidade dos afetos que secundaram o momento de sua fixação. A imagem amada, e a temida, tende a perpetuar-se: vira ídolo ou tabu. E a sua forma nos ronda como doce ou pungente obsessão”.¹⁵ Isso

¹² Compêndio do Vaticano II. Constituição Pastoral *Gaudium et spes*, número 44,2.

¹³ Compêndio do Vaticano II. Decreto *Ad gentes*, número 22,1.

¹⁴ SANTIAGO, 2019, p. 9-30.

¹⁵ BOSI, Alfredo. “Imagem, Discurso”. In: *O ser o tempo da poesia*. São Paulo: Cultrix, Ed. da Universidade de São Paulo, 1977, p. 13.

significa que as imagens, bem como tudo o que nos afeta, segundo Inácio de Loyola (cf. EE 21), geram sentimentos em nós, que precisam ser compreendidos, afetiva e racionalmente, para serem ordenados, porque se não os transcendemos abrem-se as portas para o fetiche - salienta Bosi.¹⁶

A imagem, portanto, nunca é um elemento isolado. Tem um passado que a constitui, um presente que a mantém viva e que permite sua recorrência e aponta para um futuro que a inscreve na cultura. Isso explica, de algum modo, porque essa imagem evocada pelo enredo de Leandro Vieira, no carnaval 2020, mas também outras imagens advindas dos enredos desses últimos anos trazidos à Avenida pelo carnavalesco mexem tanto com o imaginário das pessoas. Elas assumem fisionomias várias ao cumprirem seus destinos de exhibir-mascarar o objeto do prazer ou da aversão - dirá Alfredo Bosi.¹⁷

O *Jesus da gente* transforma-se, assim, num entre-lugar, ponto sobre qual reflui toda uma cadeia sonora - harmônica e dissonante -, que acolhe e revela a um só tempo sua riqueza poético-textual de Palavra anunciada desde os primórdios (cf. Jo 1) e articulada sobre bases muito diversificadas (vale lembrar a parábola do semeador e os distintos solos onde caem as sementes, considerando as perspectivas também variadas de quem narra a história: Mt 13,1-9; Mc 4,3-9 ou Lc 8,4-8).

O *Jesus da gente* explora, pois, um conteúdo vigoroso de linguagens, existe no tempo e no tempo subsiste, urdindo a teia dos significados, extravasando conceitos e contornos não tão evidentes. Manifesta relações e disposições: aí reside sua força e sua complexidade discursiva. Afinal, pregar é, também, admitir a existência de relações, é exercer a possibilidade de se ter um ponto de vista. Contudo, recorda Bosi¹⁸, nessa complexidade está a força e a fraqueza do discurso, sua historicidade assumida e sua fragilidade desejada, por mais paradoxal que possa parecer quando transladamos isso para a figura do Cristo.

¹⁶ BOSI, 1977, p. 14.

¹⁷ BOSI, 1977, p. 19.

¹⁸ BOSI, 1977, p. 25.

Nesse sentido, ver o *Logos* que se encarna em meio a todo esse frenesi causado pelo enredo de Leandro Vieira torna-se, então, um obstáculo? Será que essa riqueza poético-textual do *Jesus da gente* expressa a fórmula de um impasse? Nessa hora, convém lembrar o que Alfredo Bosi recorda do poeta mexicano Octavio Paz: “La expresión poética es irreductible a la palabra y no obstante sólo la palabra la expresa”.¹⁹

Lançando, agora, um olhar mais interessado sobre os modos de existir do Cristo, em Deus e na história, vê-se, por um lado, que ele tem sua origem como *Logos*, na eternidade de Deus, e que essa origem divina, por outro lado, chama-o eternamente a assumir, desde o princípio, a história da humanidade que ele devia assumir no tempo (cf. Jo 1,1-18). Isso nos obriga a matizar esses dois aspectos da existência de Cristo, a fim de ver primeiro, como insiste o teólogo francês Joseph Moingt, a unidade de sua pessoa, antes mesmo de considerar a enunciação do *Logos* divino. Afinal, a dimensão da presença do *Logos* antes da Encarnação não é outra senão a presença do Cristo na história.

Cela signifie que le *Logos* qui est en Dieu est projeté dans l’histoire « dès avant la fondation du monde », qu’il la met en marche en direction de son Incarnation, que ce lien dynamique à l’histoire le tient en relation avec l’être humain qu’il doit assumer, et qu’il prépare sa naissance dans le temps en venant au monde depuis le commencement du temps.²⁰

A criatura pode, assim, graças a sua natureza mais íntima, ser assumida e vir a ser a matéria de uma possível história de Deus. « En créant, Dieu projette toujours la créature comme la grammaire qui permettrait de déchiffrer son propre Nom, s’il le disait, et il ne peut la créer autrement, même s’il se tait, parce que ce silence même suppose toujours des oreilles qui écoutent le mutisme de Dieu ». ²¹ Nessa gramática evocada pelo teólogo

¹⁹ BOSI, 1977, p. 29.

²⁰ Isso significa que o *Logos* que está em Deus é projetado na história, “mesmo antes da fundação do mundo”, colocando-a em movimento na direção de sua Encarnação, que esse vínculo dinâmico com a história o mantém em relação com o ser humano que ele deve assumir, e que ele prepara seu nascimento no tempo, vindo ao mundo desde o início dos tempos. (Tradução nossa). MOINGT, Joseph. « L’homme qui venait de Dieu ». Dans : *Cogitatio Fidei*, 176. Paris : CERF, 1999, p. 673.

²¹ Ao criar, Deus projeta sempre a criatura como a gramática que permitiria decifrar seu próprio Nome, se Ele o dissesse, e Ele não pode criá-la de outro modo, mesmo que se calasse, porque esse silêncio sempre supõe ouvidos que escutam o mutismo de Deus. (Tradução

alemão Karl Rahner, conseguimos compreender o que significa afirmar que o *Logos* divino se fez homem, e que somente ele poderia sê-lo, pois Deus pronuncia seu próprio Nome, e Ele o pronuncia (para) fora de Si. É a condição da simples existência do outro, desse que é diferente de Deus.

Dieu, qui est sans origine, se dit lui-même en lui-même, et pour lui-même, et pose ainsi en Dieu même la distinction d'origine des Personnes divines. Et quand Dieu s'exprime lui-même comme tel dans le vide, il profère sa Parole immanente et non une parole quelconque qui pourrait aussi bien convenir à une autre Personne divine.²²

Assim, porque Deus Ele mesmo um dia pronunciou essa Palavra, seu *Logos* divino, compreendemos, então, que Ele quis enunciar-se. Por conseguinte, Rahner coloca-se a seguinte questão: « comment pouvait-il le proférer autrement qu'en créant une capacité de percevoir intérieurement cette parole, et qu'en disant de fait sa parole à l'être ainsi ouvert, de sorte que ne fassent plus qu'un l'auto-expression de Dieu et ce qui peut la percevoir ? »²³ Entretanto, o autor admite, também, que se isso é verdadeiramente possível, então, estamos diante de um mistério. E um mistério é algo de inesperado, que nos mergulha numa estupefação e, ao mesmo tempo, em algo muito evidente - considera Rahner.

A Encarnação do *Logos* constitui, então, o mistério absoluto, mas, ao mesmo tempo, evidente. Isso quer dizer que é necessário buscar os traços desse *Logos*. Primeiramente, como podemos traduzir esse *Logos*, uma das primeiras palavras do texto do Prólogo do Evangelho segundo São João e uma das mais importantes?

nossa). RAHNER, Karl. « Méditation 12 : L'Incarnation de Dieu ». Dans : *L'Esprit Ignatien* (Sous la direction de Michel Fédou). Paris : CERF, 2016, p. 173.

²² Deus, que não tem origem, diz-se em si mesmo e por si mesmo e, assim, coloca em Deus mesmo a distinção de origem das Pessoas divinas. E quando Deus se expressa como tal no vazio, ele profere sua Palavra imanente e não uma palavra qualquer que pudesse adequar-se a outra Pessoa divina. (Tradução nossa). RAHNER, 2016, p. 174.

²³ Como ele poderia pronunciá-lo de outra maneira a não ser criando uma capacidade de perceber essa palavra interiormente e dizendo, de fato, sua palavra ao ser assim aberto, de modo que seja uma a autoexpressão de Deus e este que a pode perceber? (Tradução nossa). RAHNER, 2016, p. 179.

De acordo com Abel Jeannièrre, « [...] au temps d'Héraclite, le terme a le sens de discours, récit, parole, mais aussi raison ». ²⁴ Tudo indica que a referência à linguagem e ao discurso nunca desapareceu. Mas essa constatação nos autoriza a admitir em Deus uma estrutura discursiva?

Para o teólogo francês Georges Tavard, a resposta é afirmativa. Segundo o autor, o uso da mesma palavra (*Logos*) para designar a revelação ou a razão que sustenta um discurso pertence à lógica discursiva. Ele defende que entre esses vários sentidos da palavra, que estão inclusive correlacionados, a saber: discurso, narrativa, palavra, razão, a tradição teológica reteve praticamente todos em franco diálogo com a cultura. « Elle [la tradition] a réfléchi sur la deuxième Personne comme Parole unique parlée par Dieu de toute éternité, qui contient en elle-même aussi bien la raison ultime de toutes choses que la possibilité de la révélation de cette ultime raison à travers les paroles temporelles des prophètes ». ²⁵

Considerações finais

“A verdade vos fará livre” acena fortemente para nós com um *Jesus da gente* histórico e transcendente, pertencendo a distintas abordagens e não sendo propriedade específica de nenhum domínio. Leandro Vieira conseguiu, assim, uma riqueza semântico-pragmática e uma potência discursiva incansavelmente discutida: antes, durante e depois do desfile na Marquês de Sapucaí.

No entanto, depois de todo esse excuro, é necessário dar um passo a mais e fixar o olhar no “Para além da história social”, como pede Silviano Santiago. Afinal, uma análise meramente realista desse enredo pode facilmente resvalar numa proposta metodológica altamente positiva da obra de arte que se tentou esboçar aqui. O elemento teoliterário e sua força poético-textual têm raízes profundas no solo da história e da sociedade, não

²⁴ No tempo de Heráclito, o termo tem o sentido de discurso, narrativa, palavra mas também razão. (Tradução nossa). Cf. JEANNIÈRE, Abel. « En archê ên o Logos » Dans : *RSR*, 2/1995 (Tome 83), p. 244.

²⁵ TAVARD, Georges. « Le discours ». Dans : *La Vision de la Trinité*. Paris : CERF, 1989, p. 137. *Fronteiras*, Recife, v. 3, n. 1, p. 119-144, jan./jun., 2020

resta dúvida, mas sua maneira de ser histórica será sempre contraditória, isto é, apresentará impasses entre a continuidade da tradição e a descontinuidade, as rupturas existentes. Em consonância com Octavio Paz, Silviano Santiago aponta que “o agora é o cerne da mudança e também do eterno, e como tal recobre tanto a aceleração do tempo moderno, suas mudanças e convulsões, quanto a pouca profundidade do movimento transformador”.²⁶ Fincada no agora, a enunciação poética do *Jesus da gente* é, portanto, ao mesmo tempo, presente, tradicional e utópica. Melhor elogio da sua atemporalidade, mas também de sua contemporaneidade.

Nessa perspectiva, o agora poético dessa interlocução provocada pelo enredo da Estação Primeira de Mangueira 2020 foi, muitas vezes, subtraído do solo histórico que lhe era tradicionalmente dado pela metodologia ingênua e realista de leitura determinista dos fenômenos discursivos. Vale atentar para o fato de que o elemento poético desse enredo, particularmente a figura do *Jesus da gente*, no entre-lugar discursivo que ocupa, dá voz a uma prosa que já existe na fala das coisas, deixando entrever um campo de saber epidérmico, profundo e autoritário. Joga pela ironia que recompõe a tensão entre os enunciados e as condições de enunciação ou, se preferirmos, entre os indivíduos e suas condições de existência.

Assim, se a leitura realista se aproxima para ver melhor, o olhar poético que queremos privilegiar se distancia para poder aproximar-se mais. Conclui-se daí que o funcionamento da obra de arte transcende tanto a construção histórica nela representada como ainda a compreensão desse mesmo funcionamento. Advindo de uma história e de uma sociedade, o *Jesus da gente* cumpre bem sua interlocução, pois, ainda assim, escapa aos limites da história e da sociedade que o originaram, independente mesmo da opinião crítica dos sucessivos leitores-espectadores-ouvintes que o reorganizaram racionalmente, para afirmá-lo, em seguida, como universal - dirá Santiago.²⁷

Enfim, a interpretação de uma obra, como a que temos sob os olhos, nunca será suficiente para explicá-la, mas o certo é que ela sobreviverá ao seu tempo, atingindo grande duração no espaço, como o próprio fato

²⁶ SANTIAGO, Silviano. “Para além da história social”. In: *Nas malhas da letra*. São Paulo: Rocco, 2002, p. 257.

²⁷ SANTIAGO, 2002, p. 261.

cristão evocado que, permanecendo ativo, renova-se continuamente. De todo modo, vale a reflexão:

Quando autor e público pertencem à mesma sociedade, tudo indica que a obra não chegará a mostrar todo o seu potencial semântico. No entanto, se a sociedade que se aproxima do objeto é outra diferente no tempo [...] e se o objeto não perde o seu peso semântico e a eficácia estética, temos então a garantia de que o trabalho atingiu o que é “universalmente humano no homem”.²⁸

Referências

ALVES, Chico. “Bolsonaro vira algo em samba da Mangueira; carnavalesco vê folia “engajada”. Disponível em: <<https://noticias.uol.com.br/columnas/chico-alves/2019/10/14/bolsonaro-vira-alvo-em-samba-da-mangueira-carnavalesco-ve-fofia-engajada.htm>>. Acesso em 14 de outubro de 2019.

ARAÚJO, André Luís de. « L'Être en devenir ou le *devenir-homme* du Fils de Dieu : Rahner et l'énonciation du *Logos* en devenir ». Paris : Centre Sèvres Facultés Jésumes de Paris, 2017. (Mémoire de Théologie).

BAKHTIN, Mikhail. “O texto na linguística, na filologia e em outras ciências humanas: um experimento de análise filosófica”. In: *Os gêneros do discurso*. São Paulo: Editora 34, p. 71-107.

BOSI, Alfredo. “Imagem, Discurso”. In: *O ser o tempo da poesia*. São Paulo: Cultrix, Ed. da Universidade de São Paulo, 1977, p. 11-36.

COMPAGNON, Antoine. “A literatura”. In: *O demônio da teoria*. Belo Horizonte: UFMG, p. 29-46.

COMPÊNDIO DO VATICANO II. (Constituição Pastoral *Gaudium et spes*; Decreto *Ad gentes*).

ESTAÇÃO PRIMEIRA DE MANGUEIRA. “Mangueira mudará sua disputa de samba-enredo”. Disponível em: <<http://www.mangueira.com.br/noticia-detalhada/3093>>. Acesso em: 17 de julho de 2019.

Exercícios Espirituais de Santo Inácio de Loyola. São Paulo: Loyola, 1997.

²⁸ SANTIAGO, 2002, p. 271.

JORNAL O GLOBO. “Enredo da Mangueira em 2020 vai imaginar o retorno de Cristo num mundo marcado pela intolerância. Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/cultura/enredo-da-mangueira-em-2020-vai-imaginar-retorno-de-cristo-num-mundo-marcado-pela-intolerancia-23812598>>. Acesso em 17 de julho de 2019.

JEANNIÈRE, Abel. « En archê ên o Logos » Dans : *RSR*, 2/1995 (Tome 83), p. 241-247.

MOINGT, Joseph. « L’homme qui venait de Dieu ». Dans : *Cogitatio Fidei*, 176. Paris : CERF, 1999.

RAHNER, K. « Jésus Christ ». Dans : *Traité fondamental de la foi*. Paris : Centurion, 1983, p. 203-258.

RAHNER, Karl. « Méditation 12 : L’Incarnation de Dieu ». Dans : *L’Esprit Ignatien* (Sous la direction de Michel Fédou). Paris : CERF, 2016, p. 163-180.

SANTIAGO, Silviano. “O entre-lugar do discurso latino-americano”. In: *Uma literatura nos trópicos*. Recife: Cepe, 2019, p. 9-30.

SANTIAGO, Silviano. “Para além da história social”. In: *Nas malhas da letra*. São Paulo: Rocco, 2002, p. 251-271.

TAVARD, Georges. « Le discours ». Dans : *La Vision de la Trinité*. Paris : CERF, 1989, p. 135-160.

THEOBALD, Christoph. *Penser la foi chrétienne*. Paris : Centre Sèvres Facultés Jésuites de Paris, 2017. (Cours de Théologie).

Trabalho submetido em 02/04/2020.
Aceito em 02/05/2020.

André Luís de Araújo

Professor do Curso de Letras e do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Linguagem da Universidade Católica de Pernambuco. Email: aluisaraujosj@gmail.com